

Fim da violência contra a mulher Começa campanha de 21 dias de ativismo



A Contraf-CUT integra a campanha "21 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra a Mulher", iniciada em 20 de novembro (Dia da Consciência Negra) e que seguirá até 10 de dezembro (Dia Internacional dos Direitos Humanos). Internacionalmente são 16 dias de ativismo, com início no Dia do Combate à Violência contra a Mulher, em 25 de novembro.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 840 milhões de mulheres já sofreram algum episódio de violência doméstica ou sexual ao longo da vida, o que significa uma em cada três. Nos últimos 12 meses, 316 milhões foram vítimas de violência física ou sexual praticadas pelo parceiro.

No Brasil, a publicação mais recente do Atlas da Violência, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), também revela números alarmantes de homicídios femininos e de agressões contra mulheres. Segundo o relatório, somente em 2023, os registros do sistema de saúde apontaram que 3.903 mulheres foram vítimas de homicídios.

O Atlas destaca ainda uma estagnação na taxa de homicídios femininos entre 2022 e 2023, enquanto a taxa geral de homicídios recuou 2,3%, no mesmo período. Em onze anos - de 2013 a 2023 - ocorreram 47 mil homicídios de mulheres, ou 13 por dia.

O Atlas da Violência confirma também que a violência letal atinge de forma desproporcional as mulheres negras: em 2023, foram registradas 2.662 mulheres negras vítimas de homicídio, o que representa 68,2% do total de homicídios femininos.

"Esses números de homicídios contra as mulheres evidenciam o fenômeno estrutural da violência de gênero", observa a secretária da Mulher da Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf-CUT), Fernanda Lopes. "Por isso a importância da campanha dos 21 Dias de Ativismo, para dar o máximo de visibilidade ao tema e continuar combatendo os vários tipos de violência que assolam as mulheres", reforça a dirigente.

Ela completa que, além do homicídio, as mulheres precisam enfrentar o assédio moral, sexual, sobrecarga de trabalho e a desigualdade salarial e de oportunidades no mercado de trabalho. "O feminicídio é, portanto, somente uma das facetas da misoginia, expressão que designa ódio ou aversão contra mulheres e meninas, e que se manifestam com diversos tipos de ataques à figura feminina", explica.